



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS  |
| <b>Ano</b>        | 2016   |
| <b>Local</b>      | Campus do Vale - UFRGS   |
| <b>Título</b>     | A paisagem de Maria Graham e a crítica ambiental: reflexões sobre um olhar que sobrevive e pode ser atualizado |
| <b>Autor</b>      | DIEGO RAFAEL HASSE   |
| <b>Orientador</b> | EDUARDO FERREIRA VERAS   |

## **A paisagem de Maria Graham e a crítica ambiental: reflexões sobre um olhar que sobrevive e pode ser atualizado**

Diego Rafael Hasse

Orientador: Eduardo Ferreira Veras

Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O presente trabalho pretende dar continuidade ao projeto de pesquisa *Maria Graham: apreensão da paisagem brasileira e a crítica ambiental no século XIX*, apresentado no XXVII Salão de Iniciação Científica (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015). Ele está inserido no projeto *Artistas viajantes: itinerários entre o passado e a contemporaneidade*, sob orientação do Professor Dr. Eduardo Veras, o qual, por meio de estudos de caso, procura estabelecer conexões entre a produção artística contemporânea e o legado dos “artistas viajantes” que estiveram no Brasil entre os séculos XVI e XIX. Tomando isso como ponto de partida, objetiva-se investigar o tratamento e a apreensão da paisagem brasileira pela artista inglesa Maria Graham (1785 – 1842), sugerindo relações com obras de artistas contemporâneos, através da metodologia do anacronismo histórico proposta pelo historiador Carl Einstein, a partir da releitura de Georges Didi-Huberman.

Ao ler o texto e observar as imagens produzidas pela artista, publicados em seu *Diário de uma Viagem ao Brasil*, percebe-se um olhar atento à paisagem e sua preservação. O fato reforça a possibilidade de uma investigação com cunho político e de crítica ambiental dessas manifestações visuais, sugerida pela professora Cláudia Valladão de Mattos, quando – amparada pelos estudos de W. T. J. Mitchell – analisa obras de outros artistas, vistos tradicionalmente na História da Arte, como “artistas viajantes”, em especial aqueles que estiveram no Brasil em momentos posteriores ao de Maria Graham. Logo, levanta-se a seguinte reflexão: já nas primeiras décadas do século XIX Graham manifestava uma crítica ambiental em sua apreensão da paisagem?

Ainda, a discussão e a metodologia propostas nessa pesquisa atravessam as indagações em relação às narrativas em História da Arte, relativizando os estudos lineares e cronológicos. Dessa maneira, o estudo sugere relações entre a poética de Maria Graham e de artistas contemporâneos, como Ana Flávia Baldisserotto, Hélio Ferverza (1963), Jorge Menna Barreto (1970), Leonardo Remor (1987), Mariana Silva (1978) e Rodrigo Braga (1976), que, em diferentes tempos, linguagens, meios e suportes, suscitam a mesma preocupação – uma discussão política, com caráter de crítica ambiental, como algo que sobrevive, pode ser atualizada e permanece potente. Bem como, ao analisar a obra de Graham e dos artistas contemporâneos citados, surge a possibilidade de ampliar o conceito de “artista viajante”, tomando outras formas de deslocamento como parte dessa ampliação, o que acaba redimensionando a historiografia da arte sobre esse tema.